

Perspectivas para 2007

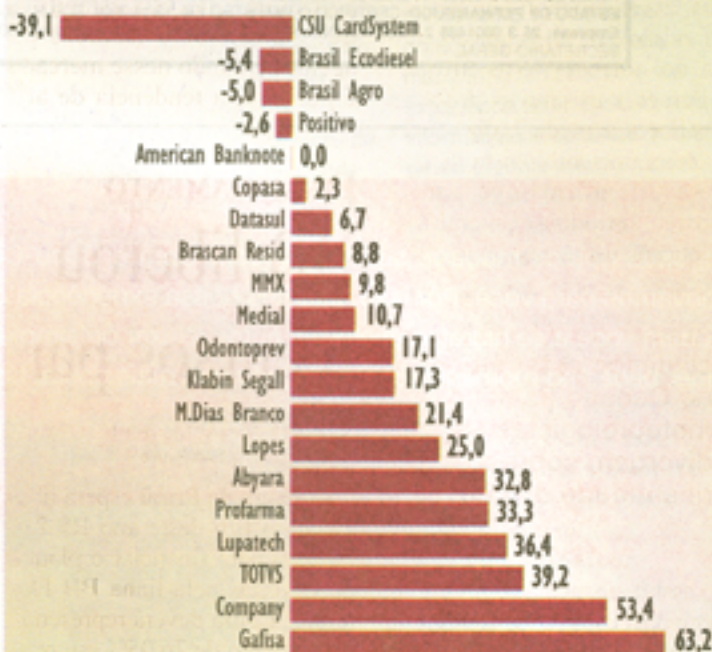
GABRIEL SPEFA BORBA*

O ano de 2007 será um ano decisivo para a economia brasileira. Após sucessivas crises na década de 90, o cenário macroeconômico está no caminho da estabilização. No mercado internacional, a desaceleração controlada da economia americana permite a migração de recursos para as economias emergentes e o surgimento da China como uma nova potência mundial irá permitir a maior expansão do comércio mundial.

Já o Brasil pela primeira vez detém condições de obter o desejado crescimento sustentável. Inflação sobre controle, tendência de queda na taxa de juros, superávit na balança comercial e equilíbrio nas contas do governo. O principal entrave está nas reformas microeconômicas. A falta de um projeto de desenvolvimento, envolvendo parcerias com o setor privado é fundamental. Para tanto, é necessário que o Governo se faça presente, ou seja, por meio de instituições fortes e regulações que visem garantir segurança para os investimentos de longo prazo, principalmente no setor de infra-estrutura.

Além destes pré-requisitos, uma importante peça do quebra-cabeça do desenvolvimento é um mercado de capital totalmente eficiente. Por eficiência entende-se a melhor alocação possível dos recursos na economia. Para isto, precisamos supor que o mercado de

VALORIZAÇÃO DAS EMPRESAS LISTADAS NO NOVO MERCADO DESDE SEU IPO (em %)



capitais possua as condições para fornecer uma alternativa mais barata para a capitalização das companhias.

Além disso, permita aos agentes econômicos oportunidades diferenciadas de investimento com altas taxas de retorno, o que ocasiona o aumento da poupança nacional. Partindo da identidade poupança igual a investimento, existirá recursos disponíveis na economia que irão permitir a elevação dos investimentos públicos e privados, fazendo a atividade econômica iniciar um ciclo de desenvolvimento sustentável.

Um exemplo claro da maturidade que a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) atingiu, foi à abertura de capital de diversas empresas dos mais variados setores, desde empresas de assistência médica até um fundo de private equity.

Essa situação demonstra claramente que a capitalização por meio da Bolsa já faz parte do planejamento estratégico de diversas empresas, inclusive aquelas que irão abrir seu capital nos próximos anos.

Além disso, em 2006, das 26 empresas que iniciaram negociações em bolsa, 21 estão lis-

tadas no Novo Mercado, demonstrando compromisso com as melhores práticas de governança corporativa.

Conforme o gráfico, pode-se observar que apesar de algumas ações se desvalorizarem (apenas 4), a grande maioria obteve um ganho médio de 16% nas ações, desde seus respectivos IPOs (oferta inicial de ações), comprovando que as boas práticas fazem a diferença na hora de agregar valor aos acionistas.

Estes ganhos devem aumentar ainda mais o "apetite" dos investidores pessoas físicas em 2007, visto que a participação no volume total da Bovespa, por meio do sistema de home broker e clubes de investimentos, atingiram o recorde no mês de novembro representando aproximadamente 14%. Já os investidores estrangeiros representaram 67% nas distribuições públicas, mais uma prova da evolução apresentada pelo mercado de capitais brasileiro.

Para 2007 pode-se esperar que o processo continue com empresas menores que buscam novas oportunidades de financiamento, visando realizar sua expansão e garantindo assim a consolidação e evolução do mercado de capitais brasileiro.

Como essa coluna só retorna no ano que vem, desejamos a todos os leitores um feliz ano novo, repleto de realizações.

* Consultor, especial para Gazeta Mercantil

E-mail: ri@gazetamercantil.com.br